

# Os Provérbios de “O Burrinho Pedrês” e suas traduções para o francês

## The Proverbs of “O Burrinho Pedrês” and their translations into french

## Los Proverbios de “O Burrinho Pedrês” y sus traducciones al francés



Quentin Olivier Branco Nunes

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil.

E-mail: quentin.branco.nunes@gmail.com



Elizabete Aparecida Marques

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

E-mail: eamarques@hotmail.com

**Resumo:** Este estudo discute os provérbios do conto “O burrinho pedrês”, da obra *Sagarana*, de João Guimarães Rosa. Também analisa as traduções desses provérbios na versão francesa do conto, “Le petit âne jaspé”, de *Sagarana*, traduzido por Jacques Thiériot. O estudo mostra que os provérbios são recorrentes nos diálogos das personagens do conto analisado, indicando que esses fraseologismos são imprescindíveis para a dimensão oral e sertaneja da obra e que a sua tradução é um desafio, pois transfere o universo e o imaginário do sertão para o francês, mantendo a unidade morfossintática dos elementos que o compõem.

**Palavras-chave:** Provérbios. Guimarães Rosa. Tradução. Francês.

**Abstract:** This study discusses the proverbs in the tale “O Burrinho Pedrês” from the book *Sagarana* by João Guimarães Rosa. It also analyses the translations of these proverbs in the French version

“Le petit âne jaspé” from Sagarana, translated by Jacques Thiériot. The study shows that the proverbs are recurrent in the characters dialogues in the analysed tale, indicating that these phraseologisms are essential to the oral and *Sertão* dimensions of the book and that its translation is a challenge, because it transfers the *Sertão*'s universe and imaginary to French, keeping the morphosyntactic unity of its composing elements.

**Keywords:** Proverbs. Guimarães Rosa. Translation. French.

**Resumen:** Este estudio discute los proverbios del cuento *O Burrinho Pedrês* de la obra *Sagarana*, de João Guimarães Rosa. También analiza sus traducciones en la versión francesa del cuento *Le petit âne jaspé*, de *Sagarana*, traducido por Jacques Thiériot. El estudio muestra que los proverbios son recurrentes en los diálogos de los personajes del cuento, lo que indica que esos fraseologismos son imprescindibles a la dimensión oral de la obra y que su traducción es un desafío para transferir el universo y el mundo imaginario del *sertão* al francés, manteniendo la unidad morfosintáctica de los elementos que lo componen.

**Palabras-clave:** Proverbios. Guimarães Rosa. Traducción. francés.

Submetido em 15 de março de 2022.

Aceito em 01 de junho de 2022.

Publicado em 09 de dezembro de 2022.

## Introdução

João Guimarães Rosa é conhecido por ser um dos grandes escritores de Minas Gerais e ter reinventado a língua portuguesa para poder descrever os encantos do sertão mineiro. A linguagem de Rosa é reconhecida pelo uso de neologismos para retomar, às vezes, os sentidos arcaicos de algumas palavras, para criar palavras novas misturando as raízes das línguas clássicas que o autor apreciava, notadamente: o latim, o grego e o tupi. A respeito da linguagem Roseana, Candido (1991, p. 245) elucida:

Sagarana nasceu universal pelo alcance e pela coesão da fatura. A língua parece ter finalmente atingido o ideal de expressão literária regionalista. Densa, vigorosa, foi talhada no veio da linguagem popular dentro das tradições clássicas. Mário de Andrade, se fosse vivo, leria comovido este resultado esplêndido de libertação linguística, para que ele contribuiu com a libertinagem heroica da sua. (CANDIDO, 1991, p. 245).

Esse argumento, clássico nos estudos sobre Guimarães Rosa, demonstra a importância da língua na obra do autor mineiro. Candido a trata como “ideal de expressão literária regionalista”, evidenciando, assim, que a linguagem de Rosa, expressão literária de um determinado contexto geográfico-cultural, se inscreve no que Barbosa (2007) define como discurso étnico-literário. De acordo com as concepções de Barbosa (2007) sobre a etnoterminologia e a etnoliteratura, considera-se a linguagem de Guimarães Rosa como um veículo por meio do qual as expressões fixas podem ser entendidas somente de acordo com o universo literário do autor. Por conseguinte, destacam-se, nas obras do escritor mineiro, numerosos fraseologismos, os quais são, em grande parte, criados pelo autor e, portanto, próprios de sua obra.

Este artigo apresenta o recorte da análise de treze provérbios presentes no conto “O burrinho pedrês”, do livro *Sagarana*, publicado em 1946, e suas traduções realizadas pelo francês Jacques Thiériot, em 1997. Para alcançar esse objetivo, utilizou-se como fonte de estudo a 71ª edição do livro *Sagarana*, publicada pela editora Nova Fronteira em 2001, e a 3ª edição de *Sagarana*, publicada pela editora francesa Albin Michel em 1999.

Em *Sagarana*, “O burrinho pedrês” é um conto de destaque, e talvez um dos mais conhecidos do autor mineiro, pois narra a jornada de um grupo de vaqueiros que conduz uma boiada de uma fazenda no sertão de Minas de Gerais até Cordisburgo.

O conto é povoado por diversos vaqueiros, entre os quais, o dono da fazenda, o Major Saulo, que é uma personagem emblemática do universo Rosiano. O Major Saulo é dono de uma grande fazenda e não teve estudos, mas possui a sabedoria do sertão. Nos diálogos das personagens de “O burrinho pedrês”, encontram-se muitas canções e provérbios usados pelos vaqueiros. Nas versões francesas dos livros de Guimarães Rosa, os tradutores costumam escrever uma nota com a qual explicam como funciona a língua de Rosa e justificam escolhas de tradução.

Jacques Thiériot, grande tradutor da literatura brasileira na França (*Anjo Negro*, *Macunaíma*, *Sagarana*, *Tutaméia*, entre outros), em sua *Note du traducteur*, na edição francesa de *Sagarana* de 1999, escreve:

Numa nota da segunda edição, João Guimarães Rosa avisa que “as canções e os provérbios entre aspas foram recolhidos por via oral em Minas Gerais”. Respeitamos a grafia e colocamos, também entre aspas, a tradução das expressões rústicas e das palavras deformadas transcritas pelo autor. (ROSA, 1999, p. 7, tradução nossa)<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> «Dans une note de la 2e édition, João Guimarães Rosa signale que “les chansons et les proverbes entre guillemets ont été recueillis par voie orale dans le Minas Gerais”. Nous avons respecté cette graphie et mis de même entre guillemets la traduction des expressions rustiques et des mots déformés transcrits par l'auteur.” (ROSA, 1999, p. 7).

Essa nota do tradutor é uma informação preciosa, visto que ela evidencia que Rosa fez uma escolha cuidadosa dos provérbios. Encontram-se vários tipos de fraseologismos em *Sagarana*, todavia as canções e os provérbios entre aspas são material oral coletado pelo próprio autor durante as suas viagens pelo sertão mineiro. Seriam, então, marcas de oralidade no discurso literário de Guimarães Rosa. Esses provérbios seriam, talvez, um dos meios linguísticos utilizados pelo autor mineiro no desiderato de ancorar o seu discurso literário no sertão e dar a dimensão propriamente sertaneja à sua obra.

Neste artigo, a pergunta que se destaca é: quais são os critérios que permitem reconhecer as unidades lexicais como provérbios e como elas foram traduzidas para o francês por Jacques Thiériot? Essa pergunta se mostra relevante na medida em que, por meio dela, tem-se a intenção de demonstrar a importância dos provérbios na escrita rosiana e, também, debater o cuidado que devem ter os tradutores de textos literários para manter os fraseologismos (no caso deste artigo, os provérbios) na versão traduzida. Com o intuito de responder a essa pergunta, estabeleceu-se o quadro teórico confrontando algumas definições de provérbios e noções de tradutologia ligadas aos fraseologismos. Após, foram analisados os provérbios do conto e suas traduções para alcançar uma conclusão sobre a importância da tradução desses fraseologismos.

## Quadro Teórico

### Os provérbios

No que diz respeito aos fraseologismos, Gross (1996) afirma que uma sequência fixa pode ter dois níveis de leitura: um nível composicional e um nível opaco. O nível opaco não está sempre acessível aos estrangeiros, mesmo que eles conheçam todas as palavras que compõem a sequência fixa, pois o sentido do blo-

co, geralmente, é figurado. Nessa perspectiva, existem diferentes níveis de opacidade: as expressões idiomáticas, que apresentam, de modo geral, um alto nível de opacidade, e os provérbios, que, por carregarem, na maioria das vezes, uma sabedoria universal, possuem um certo nível de leitura composicional, sendo até possível deduzir o seu sentido de acordo com seus elementos. Gross (1996) distingue três tipos de sequências fixas: as combinatórias livres apropriadas, as sequências semifixas e as sequências fixas. Os provérbios, por serem unidades lexicais complexas que possuem uma coesão morfossintática, são sequências fixas que pertencem ao domínio de estudo da Fraseologia<sup>2</sup>.

Em seu livro *La phraséologie du français*, González Rey (2015) consagra um capítulo aos provérbios, intitulado *Les Parémies*. Nele, a referida pesquisadora começa por discutir a ambiguidade na terminologia que se refere aos estudos das parêmias.

Segundo González Rey (2015), parêmia é uma categoria que reúne os provérbios, os ditados, as máximas, os aforismos, os dialogismos, as sentenças etc. Todas essas unidades fraseológicas, de acordo com a autora, apresentam traços comuns: “seu caráter de unidades de sentido com estrutura binária, com elementos mnemotécnicos e com valor sentencioso, entre outros” (GONZÁLEZ REY, 2015, p. 65, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Na visão de González Rey (2015), a ciência que tratará dos provérbios é, portanto, *la parémiologie*, a paremiologia. Tendo isso em vista, essa ciência abordará diferentes aspectos: “literário, por meio de uma abordagem da cultura oral e folclórica de um país; linguístico, por meio da análise do sistema e do funcionamento desses elementos dentro de uma determinada língua; sociológico e outros” (GONZÁLEZ REY, 2015, p. 65, tradução nossa)<sup>4</sup>. A partir dessas primeiras reflexões, pode-se anunciar que este trabalho levará em conta os aspectos linguísticos que per-

2 Entendida, neste trabalho, como a “disciplina linguística que tem por objetivo o estudo de certos tipos de fenômenos léxicos reunidos, geralmente, sob o termo unidades fraseológicas, ou seja, combinações estáveis de palavras que apresentam certa fixação de forma e significado” (OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, 2011, p. 162).

3 “leur caractère d’unités de sens à structure binaire, à éléments mnémotecniques et à valeur sentencieuse, entre autres” (GONZÁLEZ REY, 2015, p. 65).

4 “littéraire, grâce à une approche de la culture orale et folklorique d’un pays ; linguistique, grâce à l’analyse du système et du fonctionnement de ces éléments à l’intérieur d’une langue donnée ; sociologique et autres” (GONZÁLEZ REY, 2015, p. 65).

mitem reconhecer as sentenças selecionadas no texto de Rosa como provérbios, assim como os aspectos semânticos ligados à cultura e ao folclore do sertão.

Após estabelecer que as parêmiias pertencem, juntamente com as colocações e as expressões idiomáticas, ao conjunto das unidades fraseológicas, González Rey (2015, p. 67, tradução nossa) destaca duas formas de demarcação dos provérbios em relação às outras unidades fraseológicas: “por razões semânticas, uma vez que são tanto composicionais como não composicionais, e por razões pragmáticas, devido ao seu valor de citação (texto dentro do texto, em abismo) e à sua função didática”<sup>5</sup>. Esse valor de citação chama a atenção deste estudo, dado que os provérbios típicos do sertão mineiro inseridos no discurso etnoliterário de Guimarães Rosa são recursos linguísticos que servem para ancorar o discurso no sertão e dar a voz à sabedoria ancestral sertaneja. Nessa perspectiva, acrescenta González Rey (2015):

Quando um locutor insere este provérbio no seu discurso, como citação numa perspectiva argumentativa e como ilustração do resumo do que ele defende, ele age a dois níveis: de um lado, ele produz um enunciado que segue os critérios da veracidade dos fatos, de outro lado ele espera a uma interpretação da parte do seu interlocutor que deve extrair da linearidade do enunciado seu sentido figurado e conceitual, via uma operação cognitiva, a fim de a ajustar na situação comunicativa.<sup>6</sup> (GONZÁLEZ REY, 2015, p. 67, tradução nossa).

Esse excerto evidencia que a análise dos provérbios do corpus, quando for necessário e pertinente, leva em consideração os

5 “pour des raisons sémantiques, vu qu’elles sont à la fois compositionnelles et non compositionnelles, et pour des raisons pragmatiques, par leur valeur de citation (du texte dans le texte, en mise en abîme) et de leur fonction didactique” (GONZÁLEZ REY, 2015, p. 67).

6 “Lorsqu’un locuteur insère ce proverbe dans son discours, comme citation dans un but argumentatif, et comme illustration de résumé de ce qu’il défend, il agit à deux niveaux : d’une part, il produit un énoncé qui suit le critère de la véracité des faits, d’autre part il s’attend à une interprétation de la part de son interlocuteur qui doit extraire de la linéarité de l’énoncé son sens figuré et conceptuel, au moyen d’une opération cognitive, afin de l’ajuster à la situation communicative” (GONZÁLEZ REY, 2015, p. 67).

aspectos semânticos e pragmáticos dos provérbios, interpretando o sentido dos enunciados e os efeitos que seu utilizador quer produzir sobre o outro.

Após ter elaborado as bases de análise dos provérbios e tê-los reconhecido como uma vertente da paremiologia e, de forma geral, dos estudos fraseológicos, de acordo com o que se faz no Brasil, esta pesquisa utiliza os conceitos delineados por Xatara e Succi (2008) no artigo “Revisitando o Conceito de Provérbio” para primeiro definir um conceito geral de provérbio e, também, estabelecer os critérios linguísticos para a análise dos provérbios do *corpus*.

Xatara e Succi (2008) discutem o conceito de provérbio trazendo, como primeira reflexão, a complexidade de defini-lo, já que existem numerosas expressões fixas que se aparentam/aproximam dele. De acordo com as autoras,

[...] provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar. (XATARA; SUCCI, 2008, p. 35).

No caso dos provérbios de “O burrinho pedrês”, a questão da frequência não é um critério que pode ser considerado, pois se trata de uma linguagem etnoliterária (BARBOSA, 2007). Entretanto, é considerada como critério de análise a linguagem figurada ligada ao universo sertanejo, o que faria dos provérbios, então, *consagrados por uma comunidade linguística*: os sertanejos. Além disso, empregam-se, como critério de análise, os diferentes ensinamentos que se pode encontrar nos provérbios deste artigo. Os provérbios usados pelas personagens do conto devem trazer um ensinamento, um argumento, uma verdade geral para serem reconhecidos como provérbios.

Para Xatara e Succi (2008), os provérbios têm um sentido figurado, composicional ou não. Isso indica que eles não têm sempre um sentido opaco e, às vezes, pode-se deduzir sua significação a partir dos diferentes sentidos das unidades lexicais simples que os compõem.

Na cristalização dos provérbios, pode-se observar que aqueles que se encontram entre parênteses, no texto do conto de Guimarães Rosa, em língua portuguesa, foram assim inseridos no discurso literário e apresentam, portanto, um grau de cristalização na versão original que precisa ser mantido na versão francesa.

Ainda de acordo com as autoras retromencionadas, quanto mais provérbios forem empregados corretamente por um falante, mais domínio sobre essa língua ele comprovará ter, porque o seu uso requer competência lexical e cultural (XATARA; SUCCI, 2008, p. 36). Esta alusão reforça a importância de reconhecer e entender esses fraseologismos na obra de Rosa para poder compreendê-la, porque é justamente uma das chaves que demonstram a dimensão sertaneja da obra. Inserir essas unidades lexicais complexas e cristalizadas no seu discurso etnoliterário releva que Guimarães Rosa possui um conhecimento lexical e cultural do sertão.

A utilização de fraseologismos ressalta os conhecimentos culturais dos usos e costumes do sertão do autor mineiro. Por conseguinte, além de serem um meio de fixar o seu conto no sertão de Minas, os provérbios compõem a dimensão parabólica do conto, atribuindo-lhe uma atmosfera de sabedoria universal na qual podemos contemplar a essência do homem ilustrada pelo sertanejo:

O provérbio, um discurso cristalizado do passado, cuja origem de produção foi apagada, mantém-se surpreendentemente vivo no presente. Além de transmitir e preservar o conhecimento serve para nos mostrar que o homem em quase nada evoluiu: os sentimentos, os conflitos e guerras, as uniões, são experiências comuns a todas as culturas, em todas as épocas, dos gregos aos nossos contemporâneos. Alguns provérbios até conservam palavras arcaicas,

justamente porque elas lhes conferem um caráter de sabedoria ancestral. (XATARA; SUCCI, 2008, p. 37).

O uso dos provérbios pelas personagens do conto é então uma maneira de se mostrar possuidor da sabedoria do povo do sertão e de se afirmar como igual ou superior em relação ao seu interlocutor: “Se alguém cita um provérbio, revela-se em uma condição de igualdade ou superioridade para com o seu interlocutor, pela posse da sabedoria universal” (XATARA; SUCCI, 2008, p. 39).

A respeito da forma dos provérbios, as duas autoras prescrevem: “Em relação à forma, os provérbios distinguem-se pela elaboração trabalhada, ritmo, aliteração, assonância, construções binárias, paralelismo, repetição, violação de sintaxe e termos regionais” (XATARA; SUCCI, 2008, p. 45). Essas marcas estilísticas são consideradas nos provérbios em estudo.

## A tradução dos provérbios

Chacoto (2013), em seu artigo “Les chemins du traducteur de parémies – un Voyage au coeur du ‘levantado do chão’ de José Saramago”, dedicado às traduções dos provérbios presentes no livro de Saramago do português para o espanhol, salienta que

As parémias na tradução devem desempenhar um papel análogo ao que desempenham no texto do idioma de origem. Se elas forem alteradas lá, elas deverão também ser alteradas na tradução. Dada a complexidade do trabalho de tradução, a competência paremiológica do tradutor nas línguas de trabalho é fundamental neste tipo de obra literária, para que ele possa fazer uma tradução o mais fiel possível ao texto da língua de origem.<sup>7</sup> (CHACOTO, 2013, p. 342, tradução nossa).

<sup>7</sup> “Les parémies dans la traduction doivent jouer un rôle analogue à celui qu’elles jouent dans le texte de la langue source. Si elles y sont modifiées, elles devront l’être aussi dans la traduction. Étant donné la complexité du travail de traduction, la compétence parémiologique du traducteur dans les langues de travail est fondamentale dans ce genre d’œuvre littéraire, pour qu’il puisse faire une traduction le plus fidèle possible au texte de la langue source” (CHACOTO, 2013, p. 342).

Esse excerto alerta sobre a importância de conservar na tradução os provérbios, como eles são encontrados no texto original, conclusão que poderia ser estendida a todas as expressões fixas. No entanto, Chacoto (2013) elucida que se um provérbio foi descristalizado, essa modificação tem de aparecer na língua-alvo<sup>8</sup>.

No caso de Guimarães Rosa, que tem um processo criativo engenhoso, em que cunha palavras novas usando palavras antigas ou regionais e, sobretudo, faz uso de expressões típicas do sertão mineiro à sua produção literária, essa noção é de suma importância e o tradutor terá de achar recursos na língua de chegada para conservar os provérbios (e, por extensão, os outros fraseologismos) presentes na obra. Xatara e Succi (2008, p. 38) informam que “nem todos possuem equivalentes em outra língua, há certos provérbios que refletem tipicamente a cor local: ‘Quem não gosta de samba é ruim da cabeça ou doente do pé’, por exemplo, não pode experimentar outra cultura senão a brasileira”.

Com Guimarães Rosa, que gosta de usar imagens tipicamente sertanejas, de descrever a fauna e a flora do sertão e usar vários recursos linguísticos para inserir seu texto no contexto do sertão mineiro, o tradutor terá de fazer prova de engenhosidade e usar os recursos da língua de trabalho (o francês, no caso de Jacques Thiériot) para não perder informações da língua de chegada.

Como Rosa inventa suas próprias sequências fixas, insta salientar que, neste trabalho, para poder analisar as traduções, são usadas também as teorias de Salah Mejri (2005), o qual demonstra que o grande interesse da tradução, no caso de uma sequência que passou por uma descristalização, será o de responder a três exigências: a natureza da fixação, a conservação da ligação entre o sentido fixo e o sentido descristalizado e a integração no enunciado.

Asma Mejri (2008) distingue três níveis de tradução possíveis: *équivalence totale*, quando o tradutor conseguiu traduzir o fra-

<sup>8</sup> Adota-se a terminologia de Ladmiral (2015) em seu livro *Sourcier ou cibliste les profondeurs de la traductions*. A língua de origem do texto, no caso de “O burrinho pedrês”, é o português, que é a língua-fonte, e a língua do texto traduzido, neste caso, é o francês, que é língua-alvo.

seologismo todo sem perder nenhuma informação semântica; *équivalence partielle*, quando a tradução está fiel, mas o tradutor teve de operar algumas modificações; e *équivalence zero*, quando o tradutor teve de abandonar a expressão fixa de origem e recorreu a um outro recurso ou quando ele mudou totalmente o sentido ou registro de uma sentença.

Neste texto, são analisadas as possibilidades de tradução dos provérbios, do português para o francês, a fim de justificar sua importância no texto original e destacar o desafio que representa a retranscrição em outro idioma.

## Os Provérbios nos diálogos dos vaqueiros

Antes de iniciar as análises dos provérbios e de suas traduções, é importante explicitar a noção de discurso etnoliteário. Em seu artigo “Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de atuação”, a professora Maria Aparecida Barbosa (2007) define as noções de etneterminologia e de discurso etnoliteário. Essa teoria se destaca, ainda mais, quando aplicada a uma obra literária com uma dimensão geográfico-cultural importante, como é o caso da obra de João Guimarães Rosa, que está ligada ao sertão mineiro. Apesar de as narrativas do autor terem uma dimensão universalizante, que transcende esse espaço, as descrições e as atividades das personagens geralmente costumam estar ligadas ao universo sertanejo. Pode-se dizer que, por causa da dimensão cultural que carregam as unidades lexicais e por seu uso no discurso etnoliteário, elas não pertencem mais ao domínio da língua comum, mas ao domínio de um discurso literário. “Essas unidades têm sememas muito especializados, construídos com semas específicos do universo de discurso em causa, provenientes das narrativas, cristalizados, tornando-se verdadeiros símbolos dos temas envolvidos” (BARBOSA, 2007, p. 434). Para Barbosa (2007, p. 440), trata-se de “uma língua especial”, onde as unidades lexicais (simples ou complexas) adquirem novos sentidos de acordo com o contexto da obra. Para reforçar sua teoria, Barbosa

(2007, p. 439) traz o exemplo da unidade lexical “boi”, que no discurso etnoliterário do rito folclórico Bumba-meu-boi não pertence mais ao universo da língua geral, mas, sim, a uma “linguagem especial/especializada” (BARBOSA, 2007, p. 440).

Este estudo se interessa, então, por treze provérbios que aparecem nos diálogos entre os personagens de “O burrinho pedrês”, de João Guimarães Rosa. Como se viu no quadro teórico, o uso dos provérbios nesse conto permite inscrever marcas de oralidade tipicamente sertanejas no discurso literário. Para efetuar a análise, os provérbios aparecem em negrito e, depois da explicação do provérbio em português, a pesquisa segue o exame da sua tradução para o francês. Quando for preciso, para entender o sentido do provérbio e reconhecer a estrutura proverbial, apresenta-se, também, o contexto no qual ele foi encontrado no *corpus*. Sendo assim, quando as parênticas podem ser reconhecidas como provérbios sem o contexto, encontram-se somente os provérbios.

Neste artigo, a análise dos provérbios é realizada de acordo com as personagens e segundo a utilização que esses agentes do texto fazem desses fraseologismos. Desse modo, examinam-se oito provérbios usados pelo Major Saulo, a personagem mais importante da narrativa, em torno da qual giram os acontecimentos narrados; dois provérbios utilizados por João Manico, uma personagem secundária; e, após, três provérbios usados por diversos vaqueiros. Conforme discutido anteriormente, de acordo com Xatara e Succi (2008), os provérbios carregam uma sabedoria popular, pois são argumentos de autoridade que vão dar peso ao discurso das personagens. Quem usa mais provérbios é o Major Saulo, o fazendeiro respeitado por todos por suas habilidades e sua autoridade:

– Pois eu não. Nunca estive em escola, sentado não aprendi nada desta vida. Você sabe que eu não sei. Mas, cada ano que passa, eu vou ganhando mais dinheiro, comprando mais terras, pondo mais bois nas invernadas. Não sei

fazer conta de tabuada, tenho até enjojo disso... Nunca assentei o que eu ganho ou o que eu gasto. O dinheiro passa como água no córrego, mas deixa poços cheios, nas beiras. Gosto de caminhar no escuro, João Manico, meu irmão! (ROSA, 2016, p. 41).

Os provérbios evidenciam um conhecimento e uma sabedoria do sertão que não se pode adquirir na escola. As duas pesquisadoras explicam que o provérbio funciona como uma citação, mas que a autoria dos provérbios é de ordem coletiva. No caso de Guimarães Rosa, os provérbios são marcas da coletividade sertaneja. Portanto, o autor mineiro faz uso desses fraseologismos para integrar expressões fixas típicas do sertão dentro do seu discurso literário. “Assim, quando um provérbio é adequadamente utilizado, a argumentação não deixará espaço para a contra-argumentação, o discurso passa a ser irrefutável, por constituir uma verdade anônima consagrada” (XATARA; SUCCI, 2008, p. 39).

Os provérbios do Major Saulo são os mais elaborados e os mais ligados ao universo cultural do sertão. Como já se disse, essa personagem é um homem típico do sertão, que herdou uma fazenda e a faz crescer a cada ano mais. O Major nunca foi à escola, mas, dentro do seu discurso, usará oito provérbios. Ele é, portanto, um homem sábio que todo mundo respeita.

Os dois primeiros provérbios estão presentes na mesma frase: “– Tenho vaqueiros, que são bons violeiros... Tenho cavalos ladinos, para furarem tapumes. Hô-hô... **Devagar eu uso, depressa eu pago... Todo-o-mundo aqui vale o feijão que come...** Hô-hô... E hoje, com um tempo destes e a gente atrasada...” (ROSA, 2016, p. 35, grifo nosso). No primeiro provérbio, encontra-se uma estrutura binária com o uso de advérbios antes do verbo conjugado, o que lhe atribui ritmo. O segundo provérbio é uma verdade geral que é introduzida por “Todo-o-mundo aqui”, expressão que faz dessa unidade uma sentença proverbial. Esse efeito é acentuado pelo fato de trazer uma marca cultural tipicamente brasileira: o feijão, que é o prato de cada dia no sertão e no Brasil, em geral. Na

versão francesa do conto lê-se: “– J’ai des bouviers, qui sont bons guitaristes... J’ai des chevaux habiles à défoncer les haies. Ho-ho... **Lentement je suis servi, vite je paie... Tout le monde ici vaut le haricot qu’il mange...** Ho-ho... Et aujourd’hui avec ce foutu temps et le personnel en retard...” (ROSA, 1999, p. 24, grifo nosso). Na tradução do primeiro provérbio, o tradutor conservou a estrutura binária, respeitou a estrutura adverbial e, após, manteve o verbo conjugado. Efetuou uma modificação em francês usando o passado composto na primeira parte do provérbio e, depois, manteve o presente do indicativo, que incentiva a ideia que ele paga depressa, o que ajuda a reconhecer essa unidade lexical como um provérbio. Ao nível da tradução, há uma equivalência total. No segundo, foram traduzidas, ao pé da letra, todas as unidades do provérbio. Essa é uma escolha de tradução interessante, visto que conserva a palavra “feijão” com a tradução “haricot”, alimento muito importante no Brasil; contudo, o leitor francês perde a imagem do alimento de todos os dias. Trata-se, neste caso, da equivalência parcial, uma vez que nos parece que sem uma nota ou a substituição do alimento pelo pão, por exemplo, por ser alimento de base na França, o leitor francês não pensaria no alimento do dia a dia.

Com o terceiro provérbio, o Major Saulo mostra quem faz a lei na sua fazenda: “– **Na minha Fazenda ninguém mata outro.** Dá risada, Francolim!” (ROSA, 2016, p. 40, grifo nosso). O terceiro provérbio é reconhecido como tal por ter uma estrutura binária e anunciar uma verdade geral sobre a fazenda, que é vista como um mundo com suas próprias regras. Além disso, no ponto de vista semântico, o Major Saulo usa esse provérbio para confrontar sua autoridade e deixar bem claro que ninguém vai matar ninguém em sua fazenda, afirmando que a propriedade é dele e que a sua palavra estabelece a lei. Começar a segunda parte da sentença com a palavra “ninguém” acresce uma ideia de verdade geral própria aos provérbios; além disso, a estrutura “ninguém mata outro” demonstra uma economia com a ausência de artigo antes de “outro”, o que ajuda a reconhecer o tom proverbial da sentença. Na tradução francesa lê-se: “– **Dans ma fazenda, personne ne tue**

**son prochain.** Tu me fais rire, Francolim!” (ROSA, 1999, p. 30, grifo nosso). Encontra-se nela também uma estrutura binária, porém o tradutor optou por acrescentar uma imagem cristã na segunda parte do provérbio ao traduzir “outro” por “son prochain”. Essa escolha é muito interessante, porque permite, com essa imagem religiosa, reconhecer a unidade como um provérbio, o que não teria dado o mesmo efeito com “l’autre”. A unidade lexical “prochain” na França é totalmente ligada à religião. Ainda que seja difícil determinar a equivalência aqui, pois a frase traduzida ganhou uma imagem religiosa que não estava presente na versão original, estamos diante de uma equivalência parcial.

No quarto provérbio aparece uma imagem ligada à flor do sertão: “**Joá com flor formosa não garante terra boa!**” (ROSA, 2016, p. 35, grifo nosso). Esse provérbio, além de ter também uma estrutura binária, apresenta o termo Joá, que é a palavra nordestina para designar o joazeiro. O provérbio tem, portanto, uma dimensão tipicamente brasileira porque a ideia de um joazeiro em flor só será plenamente entendida por quem já viu essa árvore. O uso de palavra nordestina é uma escolha interessante porque no sertão mineiro, que faz fronteira com a Bahia, encontram-se similitudes de vocabulário e até de sotaques com a Região Nordeste. O tradutor retranscreveu: “**Une belle fleur de joazeiro ne garantit pas une bonne terre!**” (ROSA, 1999, p. 28, grifo nosso). Como o joazeiro não é uma espécie que existe na França, o tradutor escolheu a palavra brasileira comum, sem usar a versão nordestina, que seria incompreensível para um leitor francês. Portanto, o tradutor conseguiu manter a estrutura binária e traduziu “Joá com flor formosa” por “Une belle fleur de joazeiro”. Então, se na versão original a primeira imagem era do joazeiro, na versão francesa é a flor que se tornou mais importante. Essa escolha revela a engenhosidade do tradutor, que permite a um leitor francês entender o provérbio sem conhecer a árvore, o que faz com que essa tradução seja classificada como equivalência total, dado que, semanticamente, nada foi perdido.

A partir do quinto provérbio, observa-se a ocorrência de imagens animais: **“não é nas pintas da vaca que se mede o leite e a espuma”** (ROSA, 2016, p. 38, grifo nosso). Esse provérbio apresenta uma estrutura binária com uma imagem animal de acordo com o imaginário e a cultura do sertão, porque é com o comércio dos bois e das vacas que vivem os sertanejos. Ele é facilmente compreensível e lembra o provérbio “O hábito não faz o monge”, cujo sentido é o de que as aparências podem enganar. Em sua versão francesa, **“Ce n’est pas aux tâches de la vache qu’on mesure son lait et sa mousse”** (ROSA, 1999, p. 30, grifo nosso), o tradutor respeitou a estrutura binária e todos os elementos do provérbio; Thiériot só fez as adaptações necessárias devido à sintaxe do francês, como acrescentar o demonstrativo “ce” e os possessivos “son” e “sa”. Como não modificou o entendimento do provérbio, a tradução apresenta uma equivalência total.

Continuando com as imagens zoomórficas, o sexto provérbio, **“Suspiro de vaca não arranca estaca!”** (ROSA, 2016, p. 39, grifo nosso), também está ligado ao universo agrário. Encontra-se no sexto provérbio a estrutura binária e, também, uma imagem figurada de acordo com o imaginário e a cultura do sertão. Nesse provérbio destacamos a presença de rima entre “vaca” e “estaca”. A ausência de artigo antes de “estaca” contribui, também, ao ritmo da sentença e ao seu reconhecimento como provérbio. Para a sua tradução francesa, **“Soupir de vache son piquet n’arrache!”** (ROSA, 1999, p. 32, grifo nosso), o tradutor respeitou a estrutura binária e modificou a segunda parte do provérbio, colocando o sujeito antes do verbo, que é um dos recursos que podem ser usados em francês para as sentenças proverbiais. Além disso, Thiériot não usou o “pas”, necessário na negação em francês, economia sintática que se justifica por se encontrar nos provérbios. Observa-se que a formulação francesa – suas escolhas de sintaxe e do vocabulário – manteve a aliteração presente no provérbio em português. No original, encontra-se uma aliteração em “ca” com as palavras “vaca” e “estaca”, que ainda formam uma rima na estrutura binária do provérbio. Em francês, encontra-se uma aliteração

em “ch” e uma assonância em “a” nas sílabas fortes das palavras “vache” e “arrache”, o que preserva a rima da estrutura binária na tradução. A equivalência da tradução é, então, total.

No sétimo provérbio, “**para bezerro mal desmamado, cauda de vaca é maminha**” (ROSA, 2016, p. 53, grifo nosso), encontra-se, ainda, a estrutura binária, além de uma aliteração em “m” que atribui ritmo ao provérbio. O sentido do provérbio, que se pode deduzir a partir dos seus elementos, seria algo como: quem não tem experiência, se engana facilmente. Usa a figura do bezerro que, por não ter uma grande vivência, pode confundir a cauda da vaca com a maminha. Na versão francesa do sétimo provérbio, “**Pour un veau à peine sevré, toute queue de vaches est mamelle !**” (ROSA, 1999, p. 49, grifo nosso), o tradutor respeitou a estrutura binária, mas perdeu a aliteração em “m” da versão original. Foram acrescentados o artigo “un”, necessário na sintaxe do francês, e o “toute”, que participa na ideia de verdade geral do provérbio. Já a ausência de artigo na frente de “mamelle” permite identificar essa sentença como provérbio. Pela perda da aliteração na língua-alvo, estamos diante de uma equivalência parcial. De fato, esses efeitos estilísticos são essenciais para a retransmissão do falar sertanejo e sua linguagem “cantarolada”. A equivalência aqui é parcial por conta da perda da aliteração e do sentido, que ficou mais difícil de ser transmitido.

Para terminar com as parêmsias do Major Saulo, seu oitavo provérbio é mais uma frase de caráter proverbial dentro do seu discurso: “– Deve de ter sido isso, Raymundão. **Mas, mal-feito é mal feito!...** E o que foi mais que ele disse?” (ROSA, 2016, p. 62, grifo nosso). Essa construção apresenta uma estrutura binária e serve de argumento ao Major Saulo, sem que a personagem precise dar sobre ela mais explicações. A repetição é também um dos recursos linguísticos usados para fazer um provérbio, mas seria talvez mais prudente falar de sentença proverbial neste caso. Para retransmitir esse efeito em francês, o tradutor acrescentou “ce qui”, que é uma das maneiras de se iniciar uma sentença proverbial, levando-o à uma equivalência total: “– Sans doute que c’est ça, Gros

Raymondo. **Mais ce qui est mal fait est mal fait!**... Et qu'est-ce qu'il a dit d'autre?" (ROSA, 1999, p. 56, grifo nosso).

Os provérbios usados pelo vaqueiro João Manico não são tão elaborados quanto os do Major Saulo. Apesar de não ser tão importante e não possuir toda a sabedoria do Major, João Manico é uma personagem relevante da narrativa. Ele é a primeira personagem procurada pelo Major Saulo para lhe fornecer conselhos e vigiar os outros vaqueiros, denotando que João Manico possui, então, uma experiência valiosa. Ele sobrevive à travessia do rio graças ao burrinho Sete-de-Ouros e narra, durante a viagem da boiada, uma história tradicional de vaqueiros. Sua voz é importante no desenvolvimento da diegese e é natural que apareçam alguns provérbios nas suas falas, que têm sempre por objetivo impressionar o Major e, pela via dos seus conselhos, ser tratado como igual pelo patrão.

O nono provérbio, “Estou como ovo depois de dúzia... E o burrinho, também, **se ele tivesse morrido transanteontem, não estava fazendo falta a ninguém!**” (ROSA, 2016, p. 54, grifo nosso), serve para demonstrar a sabedoria de Manico. Esse provérbio possuiu uma estrutura binária, começando por *se* e apresentando uma verdade geral “a ninguém”. O reconhecemos, no contexto do diálogo, como uma frase proverbial. Em sua tradução, “– Je suis comme le treizième œuf de la douzaine... Et le bourricot, pareil, **s'il était mort la veille d'avant-hier, il aurait manqué à personne!**” (ROSA, 1999, p. 48, grifo nosso), Thiériot respeitou a estrutura binária da frase proverbial e conseguiu manter o sentido em francês, trazendo uma equivalência total, apesar de ter se perdido o neologismo “transanteontem” na versão francesa, o qual o tradutor retransmitiu por “la veille d'avant-hier”, que causa certa estranheza em francês.

No décimo provérbio, “– **Olho e ouvido, andando por longe, é bom para dono e patrão...**” (ROSA, 2016, p. 55, grifo nosso), João Manico mostra ao Major que ele também entende como funcionam as coisas na fazenda: para ser um bom dono de fazenda é preciso saber o que se passa em todos os lugares dela. Esse pro-

vérbio tem uma estrutura binária. A economia de artigo antes dos substantivos dá ritmo à frase e participa no seu reconhecimento como provérbio. O décimo provérbio está ligado ao universo do trabalho na fazenda, onde um patrão precisa saber o que se passa longe dos seus olhos, geralmente. Em francês, o provérbio guardou a mesma função: “**Œil et oreille qui courent bien loin, c’est bon pour le maître et le patron...**” (ROSA, 1999, p. 49, grifo nosso). O tradutor usou a mesma estrutura binária, manteve a economia de artigos na primeira parte do provérbio, porém teve de incluir os artigos “le”, exigidos pela sintaxe francesa. Nesse caso, encontramos uma equivalência total na tradução.

Os provérbios dos outros vaqueiros são menos elaborados do que os do Major Saulo e de João Manico. Parece que o uso dos provérbios diminui à medida que se diminui a importância das personagens na narrativa. Os dois primeiros são homens mais velhos, que possuem a sabedoria do sertão e têm a habilidade de usar suas expressões típicas, ou seja, possuem o conhecimento suficiente para o uso dos provérbios.

Um exemplo dos provérbios usados pelos outros vaqueiros é o pronunciado por Juca Bananeira: “– Aí fiando! **Quem tem inimigo não dorme!...**” (ROSA, 2016, p. 39, grifo nosso). Nesse décimo primeiro provérbio, mantém-se a estrutura binária e inicia-se com “quem”, pronome que permite estabelecer uma verdade geral. Trata-se de um provérbio conhecido e muito popular da língua portuguesa, que avisa que quem conhece seus inimigos precisa ficar atento. Na tradução francesa, “Ah, méfie-toi ! **Çui qui a un ennemi dort pas!**” (ROSA, 1999, p. 32, grifo nosso), Jacques Thiériot escolheu retransmitir uma forma oralizada de “celui”, o “Çui”, para acentuar o lado camponês do vaqueiro que usa esse provérbio. Além disso, observa-se uma economia na frase negativa “dort pas”, a falta de “ne”, que acentua o lado popular da sentença. Essa tradução apresenta, então, uma equivalência parcial, pois o sentido foi mantido, mas a transcrição de uma formulação oralizada, ausente na versão original, aparece de forma marcada na versão francesa. Essas marcas de popularidade no discurso dos outros

vaqueiros em francês acentuam a ideia de que o Major Saulo e João Manico são bem mais sábios do que os demais.

Com o décimo segundo provérbio, “– Bobagem! **É andando que cachorro acha osso**” (ROSA, 2016, p. 74, grifo nosso), vê-se uma nova particularidade cultural do sertão: a piada. Comparar um homem a um cachorro é uma forma engraçada de dar um conselho e tem um efeito cômico para o leitor. O provérbio apresenta uma estrutura binária e nele encontra-se, também, a economia ao nível dos artigos. Esse provérbio significa que é preciso ser ativo, que é necessário fazer alguma coisa para alcançar algo. A versão na língua-alvo ficou fiel à versão portuguesa: “– Dis pas de bêti-ses, Manico. **Les os, c’est en marchant qu’un chien les trouve**” (ROSA, 1999, p. 74, grifo nosso). O tradutor optou por deslocar o substantivo “os” para o início da sentença, atribuindo-lhe forma proverbial. Embora o substantivo “osso” esteja no plural em francês, por ser nele mais usado dessa forma, encontra-se uma equivalência total nessa tradução.

O último provérbio avaliado neste trabalho é usado para convencer João Manico a não se aborrecer: “– Não zanga atôa, Manico. **Todo gosto é regra**” (ROSA, 2016, p. 74, grifo nosso). Entretanto, constata-se que esse provérbio não está tão elaborado quanto os outros e não carrega imagem tipicamente sertaneja, pois está mais ligado ao senso comum. Esse provérbio é uma sentença proverbial que tem uma estrutura binária mínima, mas a economia de artigos e a impressão de verdade geral nos permite reconhecê-lo como provérbio. Na versão francesa, o provérbio apresenta também uma estrutura binária, todavia usando a estrutura “chacun..., chacun...”, forma típica dos provérbios: “– Te fâche pas pour rien, Manico. **Chacun son goût, chacun sa règle**” (ROSA, 1999, p. 74, grifo nosso). A equivalência é total por ter retransmitido pela via da sintaxe francesa a mesma ideia com os mesmos substantivos.

## Considerações Finais

Este trabalho mostrou a importância das unidades fraseológicas na escrita de João Guimarães Rosa, mais especificamente em provérbios do conto “O burrinho pedrês”, que integra a obra *Sagarana*. A análise revelou que eles são recorrentes nos diálogos das personagens do conto estudado, indicando que esses fraseologismos são imprescindíveis na dimensão oral e sertaneja da obra. Essas unidades têm sentido composicional e precisam ser entendidas de acordo com o universo cultural do sertão. A tradução de um fraseologismo de uma língua para outra, neste caso, é um desafio que visa transferir o universo e o imaginário do sertão para o francês, mantendo a unidade morfossintática dos elementos que o compõem.

Manter na língua-alvo os fraseologismos de João Guimarães Rosa é uma necessidade, porque são essas unidades lexicais essenciais, tanto do ponto de vista linguístico quanto pelo desenvolvimento da diegese. Traduzir um fraseologismo vai além da busca de simples equivalência: é preciso achar um meio de transmitir a um leitor francês todo o universo, o imaginário e o estilo do autor mineiro.

Além disso, como foi demonstrado nesta pesquisa, os provérbios aparecem como pausa no discurso das personagens, em que uma outra voz, coletiva e sertaneja, dá uma dimensão profundamente brasileira à obra, mas também enigmática.

## Referências

BARBOSA, Maria Aparecida. Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Maria Leda. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. v. 3, p. 433-447.

CANDIDO, Antonio. *Sagarana*. *In*: COUTINHO, Eduardo F. (org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 243-247.

CHACOTO, Lucilia. Les chemins du traducteur de parémies – un Voyage au coeur du “levantado do chão” de José Saramago. *In*: BENAYOU, Jean-Michel; KUBLER, Natalie; ZOUOGOBO, Jean-Philippe (org.). **Parémiologie proverbes et formes voisines**. Sainte Gemme: Presses Universitaires de Sainte Gemme, 2013. t. 1, p. 331-343.

GONZÁLEZ REY, Isabel. **La phraséologie du français**. Toulouse: Presse Universitaires du Midi, 2015.

GROSS, Gaston. **Les Expressions Figées en Français**. Paris, France: Orphys, 1996.

LADMIRAL, Jean-René. **Sourcier ou cibliste les profondeurs de la traduction**. Paris, France: Les Belles Letres, 2015.

MEJRI, Asma. La traduction des séquences figées: le cas des textes littéraires. *In*: MOGORRÓN HUERTA Pedro; MEJRI Salah (org.). **Las construcciones verbo-nominales libres y fijas**: aproximación contrastiva y traductológica. Alicante: Universidad de Alicante, 2008. p. 259-270.

MEJRI, Salah. Traduire, c’est gérer un déficit. **Meta**, Montréal, v. 50, n. 1, p. 120-128, mars 2005.

OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, Maria Eugênia. Dicionários: armas de dois gumes no estudo da fraseologia: o caso das locuções. *In*: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz; UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva (org.). **Uma (re) visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas, SP: Pontes, 2011. p. 161-182.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

ROSA, João Guimarães, **Sagarana**. Tradução e notas de tradução: Jacques Thiériot. Paris, France: Albin Michel, 1999.

XATARA, Claudia Maria; SUCCI, Thais Marini. Revisitando o Conceito de Provérbio. **Veredas**: Revista de Estudos Lingüísticos, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 33-48, 2008.